

AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



O Modernismo e a Semana de 1922



Michelle Coelho Salort

MICHELLE COELHO SALORT

O MODERNISMO E A SEMANA DE 22

1º edição

Rio Grande
Edição do Autor
2018

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações concedidas pelo autor

S175m	Salort, Michelle Coelho
	Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : O Modernismo e a Semana de 22. / Michelle Coelho Salort. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. do autor, 2018.
	33 p. ; il. Inclui bibliografia.
	1. Arte Moderna. 2. Semana da Arte Moderna.
	3. Modernismo no Brasil. I. Título
ISBN 978-85-924820-2-2	
	CDD 709.04

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

Modernismo no Brasil

Em nossa cidade, existem muitos prédios em estilo Eclético, que representam a mistura de estilos arquitetônicos ou elementos como colunas e frontões, para assim, dar início a um novo estilo arquitetônico. Este estilo foi muito difundido pela *École des Beaux Arts* de Paris e, por sua vez, pela Missão Artística Francesa aqui no Brasil. Em nossa cidade, podemos destacar o Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, construído em 1914 pelo Coronel Antônio de Souza e Silva. Arquitetado em estilo eclético, o prédio conta com elementos estilísticos da cultura greco-romana, como colunas, adereços, estátuas e arcos nas aberturas. A fachada é dividida em três partes, sendo a entrada principal localizada na parte central, que é recuada e possui uma escada de mármore, terminando em uma entrada com colunas da ordem compósitas. Foi sede da câmara municipal e, atualmente, abriga a Secretaria de Município de Cultura e o Núcleo de Arqueologia (Figura 01).



Figura 01. Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2013.
Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

O Antigo Quartel General 6º G.A.C. (Figura 02) foi construído em 1892. O Major Eng. Antonio Gomes da Silva Chaves projetou e construiu o prédio, que só foi concluído em 1894. A construção, em estilo eclético, é de esquina, implantada no alinhamento do passeio público e tem



Figura 02. Antigo Quartel General 6º G.A.C., 2013.

Fonte: Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

planta em "L", com pátio interno e dois pavimentos. Construído em estilo eclético, tem na fachada uma composição simétrica em três volumes, hierarquizando o bloco central, com a presença de motivos bélicos e as armas do Estado coroadando a platibanda.

O prédio pertenceu à União Federal até 1990, quando foi adquirido pela prefeitura de Rio Grande. O imóvel foi restaurado na segunda metade da década de 1990, passando a sediar secretarias do município. Depois do incêndio de 2006, no Paço Municipal, o prédio do Antigo Quartel abrigou a sede da prefeitura Municipal do Rio Grande até o ano de 2012.

Entretanto, nossa cidade registra, por meio de sua rica arquitetura, o rompimento entre o estilo acadêmico evidenciado em prédios neoclássicos, ecléticos e Art Nouveau, e o Modernismo do estilo Art Déco.

O Art Déco foi um movimento popular ao redor do mundo do começo do século XX. Na arquitetura, é possível perceber uma tentativa de racionalização dos volumes e dos elementos de ornamentação, é marcado pelo rigor

geométrico e predominância de linhas verticais, com a tendência de tornar, por meio da percepção, o edifício mais alto. Representou a adaptação pela sociedade em geral dos princípios do cubismo. Edifícios, esculturas, joias, luminárias e móveis são geometrizados. Sem abrir mão do requinte, os objetos têm decoração moderna, mesmo quando feitos com bases simples, como concreto (betão) armado e compensado de madeira, e ganham ornamentos de bronze, mármore, prata, marfim e outros materiais nobres. Diferentemente da Art Nouveau, mais rebuscada, a Art Déco tem mais simplicidade de estilo.

São exemplos deste estilo em nossa cidade o prédio da Caixa Econômica Federal (Figura 03), resultado de uma ampliação em altura do antigo Varejo Rheingantz no começo dos 1940 (CARNEIRO, s/d). O prédio apresenta uma fachada geometrizada pelo uso de linhas retas, que envolvem os grupos de janelas.

Outro exemplo é o atual prédio da Câmara do Comércio (Figura 04). Em 24 de junho de 1935, foi lançada a Pedra Fundamental do novo edifício da Câmara de Comércio da Cidade do Rio Grande, no mesmo local onde havia



Figura 03. Prédio da Caixa Econômica Federal, 2014.
Fonte: Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

sido construído em 1846. Em 26 de setembro de 1942, foi oficialmente inaugurado o Edifício Sede da Câmara de Comércio da Cidade do Rio Grande, por meio da entronização do Pavilhão Nacional no Salão Nobre e inaugurada as instalações da Câmara.



Figura 04. Câmara do Comércio, 2013.

Fonte: Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

Vamos entender como aconteceram as transformações no cenário das artes, que vai de um estilo rebuscado do eclético para um geometrizado do Art Déco? Vimos que nossa cidade registra ambos os estilos, então, vamos tentar compreender como tudo isso aconteceu?

Antecedentes: o final do século XIX

Com a chegada da corte portuguesa no Brasil, muitos investimentos foram feitos para deixar a colônia mais “sofisticada”, e uma dessas medidas foi a vinda da Missão Artística Francesa e a fundação da Academia Imperial de Belas-Artes – AIBA. Nessa escola, estudaram muitos brasileiros que seguiram os padrões neoclássicos e ficaram conhecidos no mundo das artes. *Vamos conhecer alguns deles e entender como aconteceu a arte acadêmica no Brasil antes do movimento Modernista?*

Entre os artistas que estudaram no AIBA, alguns se destacaram e receberam como premiação a oportunidade de estudar na Escola de Belas-Artes de Paris, como foi o caso de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905). Pedro Américo nasceu na Paraíba, mas foi morar no Rio de Janeiro em 1854. Uma de suas pinturas mais famosas é *Independência ou Morte* (Figura 05) retrata o imperador Dom Pedro I proclamando a Independência do Brasil em uma grande pintura retangular. A forma como Pedro Américo distribui as



Figura 05. *Independência ou Morte*, Pedro Américo, 1888.

Fonte: Museu Paulista da USP, São Paulo. <http://www.mp.usp.br/>

personagens da à cena movimento e ao espectador a sensação de testemunha ocular deste importante fato histórico.

Vitor Meireles de Lima (1832-1903) nasceu na cidade de Desterro, hoje Florianópolis, em Santa Catarina. Assim como Pedro Américo, Vitor Meireles também foi estudar na AIBA e, posteriormente, também foi à Europa. Em 1861, em Paris, pintou sua obra mais famosa *A Primeira Missa no Brasil* (Figura 02). Para realizar esta obra, Vitor Meireles leu as cartas de Pero Vaz de Caminha endereçada à Corte Portuguesa, relatando os acontecimentos da viagem de Pedro Álvares Cabral. Assim, muitos dos detalhes que existem na cena são oriundos da interpretação das observações de Caminha sobre este acontecimento histórico do Brasil (PROENÇA, 2010).



Figura 06. *A Primeira Missa no Brasil*, Vitor Meireles, 1861.

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. <http://www.mnba.gov.br/>



Figura 07. *Caipira Picando Fumo*, Almeida Junior, 1893.

Fonte: Pinacoteca do Estado, São Paulo. <http://www.pinacoteca.org.br/>

É possível observar na obra que o centro é a parte mais iluminada e onde está o altar com uma cruz de madeira, o celebrante e seu ajudante. Ainda com a mesma luz, Meireles destaca os religiosos que faziam parte da comitiva. Os indígenas observam a tudo de forma pacífica e são colocados em primeiro plano, mas em uma área menos iluminada (PROENÇA, 2010).

Considerado pelos críticos como o mais brasileiro de todos os pintores do século XIX, José Ferraz de Almeida Junior (1850-1899), nasceu em Itu, São Paulo, e em 1869 foi estudar na AIBA. Foi aluno de Vitor

Meireles e, assim como seu professor, também recebeu bolsa

de estudos para estudar na Europa, permanecendo em Paris de 1876 a 1882. Quando retornou à sua cidade natal, fez pinturas com inspiração regionalista, como *Caipira Picando Fumo* (Figura 07) em que Almeida Junior tenta retratar costumes de pessoas simples do interior do Brasil. Já em *Saudade* (Figura 08), chama a atenção o uso e a exploração da luz. A cena é iluminada pela luz que entra na janela; existe um contraste entre o vermelho escuro do tijolo e as vestes da moça em relação à claridade do lado de fora. O gesto e o semblante de tristeza justifica o título da obra (PROENÇA, 2010).

Os artistas que estudaram na AIBA seguiam as regras da academia, entretanto, como muitos artistas viajavam para a Europa, encontravam no “velho



Figura 08. *Saudade*, Almeida Junior, 1893.
Fonte: Pinacoteca do Estado, São Paulo.
<http://www.pinacoteca.org.br/>

mundo” novas tendências e movimentos, como o Impressionismo, que, por sua vez, influenciou a produção artística nacional. Como é o caso do mineiro Belmiro Barbosa de Almeida (1858-1935) que, como aluno da AIBA, foi para a França e teve contato com a pintura impressionista. Em sua obra *Efeitos do Sol* (Figura 09), percebemos claramente a preocupação de Belmiro em registrar os efeitos da luz solar, maior do que a moça que caminha sem muita nitidez (PROENÇA, 2010).

A obra de Belmiro de Almeida aponta para uma superação da arte acadêmica, mas é Eliseu D’Angelo Visconti (1867-1944) quem insere a arte brasileira na modernidade. Nascido na Itália, Visconti veio para o Brasil ainda bebê; foi aluno da AIBA e, igualmente como seus antecessores, recebeu como prêmio uma viagem para a Europa, em 1892, como aluno da Escola de Belas-Artes de Paris e um curso de arte decorativa na Escola de Guérin. No período em que estudou na França, foi influenciado pela pintura impressionista, o que marcou seu trabalho de tal forma que Visconti é considerado o maior pintor impressionista do Brasil, pois rompe com os modelos neoclássicos para registrar os efeitos da luz, como é possível observar em *Trigal* (Figura 10), em que os locais que recebem a luz são mais claros em relação aos menos iluminados, além dos traços tanto da vegetação como da moça estarem com pouca nitidez (PROENÇA, 2010).



Figura 09. *Efeitos do Sol*, Belmiro de Almeida, 1892.

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. <http://www.mnba.gov.br/>



Figura 10. *Trigal*, Eliseu Visconti, 1913-16.

Fonte: Coleção particular. <http://www.eliseuvisconti.com.br/>

Entretanto, as mudanças influenciadas pelo continente europeu não eram percebidas apenas nas artes: a sociedade como um todo passava por inúmeras transformações proporcionadas pelo avanço científico e tecnológico, que contribuem para um clima de “modernidade”. A luz elétrica, os automóveis e o telefone modificam para sempre a vida das pessoas.

No Brasil, as transformações sociais marcadas pelo fim da escravidão em 1888 e fim da monarquia em 1889 evidenciam que o país estava em um período novo. Toda a efervescência no cenário político e social apontava para um novo rumo em que as regras clássicas da arte acadêmica não teriam mais tanto espaço para se

expressar. Era necessária uma arte nova, “moderna”, que desse conta de todo o sentimento que a época exalava.

Antes das artes plásticas, a literatura já denunciava as transformações sociais vivenciadas no Brasil, como, por exemplo, na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, cujo foco está na Revolta de Canudos, ocorrida na Bahia durante os anos de 1896-97; Augusto dos Anjos, que com suas palavras nada poéticas (excreções, vermes, etc.) fazia uma crítica a estilo parnasiano em voga na época e Lima Barreto, que em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em linguagem bastante coloquial, criticava a sociedade urbana. Esses escritores, conhecidos como pré-modernistas, trouxeram para a linguagem literária os tipos brasileiros que não faziam parte da cultura dominante e da estética acadêmica.

Mais tarde, enquanto a Europa se preparava para os campo de batalhas, com a Primeira Guerra Mundial, o Brasil vivia a época da república do café com leite, com a alternância de poder entre presidentes de São Paulo, terra do café, ou de Minas Gerais, região grande produtora de leite. Isso só iria terminar em 1930, com o presidente gaúcho Getúlio Vargas no poder.

É nesse clima de “abalar as estruturas” e valorizar a realidade “nua e crua” que os intelectuais do começo do século XX buscaram formas de expressar sua época.

Em 1913, uma exposição do artista lituano Lasar Segall (1891-1957) trouxe ao Brasil o primeiro contato do país com a pintura expressionista. A exposição de Segall chocou o público, mas, afinal, tratava-se de um artista estrangeiro. Depois da exposição, Segall volta para a Alemanha e permanece lá até 1923, quando retorna definitivamente para o Brasil. É possível perceber o contraste na obra de Segall do tempo em que permaneceu na Alemanha e o período que ficou no Brasil: o desenho anguloso e as cores forte de *Eternos Caminhantes* (Figura 11) dão lugar à exaltação da natureza e personagens tipicamente brasileiros como podemos observar em *Menino com lagartixa* (Figura 12) (PROENÇA, 2010).



Figura 11. *Eternos Caminhantes*, Lasar Segall, 1919.

Fonte: Museu Lasar Segall, São Paulo.
<http://www.museusegall.org.br/>



Figura 12. *Menino com Lagartixa*, Lasar Segall, 1924.

Fonte: Museu Lasar Segall, São Paulo.
<http://www.museusegall.org.br/>

Entretanto, em 1917, a exposição da artista paulista Anita Malfatti (1889-1964) foi bem diferente. Malfatti realizou seus primeiros estudos de pintura em São Paulo, mas em 1912 foi para a Alemanha, onde estudou na Academia de Belas-Artes de Berlim, e entrou em contato com a pintura expressionista. A exposição de Malfatti abalou a concepção sobre arte da sociedade brasileira da época, que acreditava que sua função era representar a realidade, como afirmou a crítica de Monteiro Lobato ao trabalho de Malfatti. Na exposição, ao exibir uma mulher de rosto anguloso e cabelos verdes, *Mulher de Cabelos Verdes* (Figura 13), ou *O Homem Amarelo* (Figura 14), Malfatti apresentava a ideia de que o artista deveria ter

liberdade no uso das cores e na construção das figuras, não estar aprisionado na busca incessante pela realidade na representação das imagens (PROENÇA, 2010).

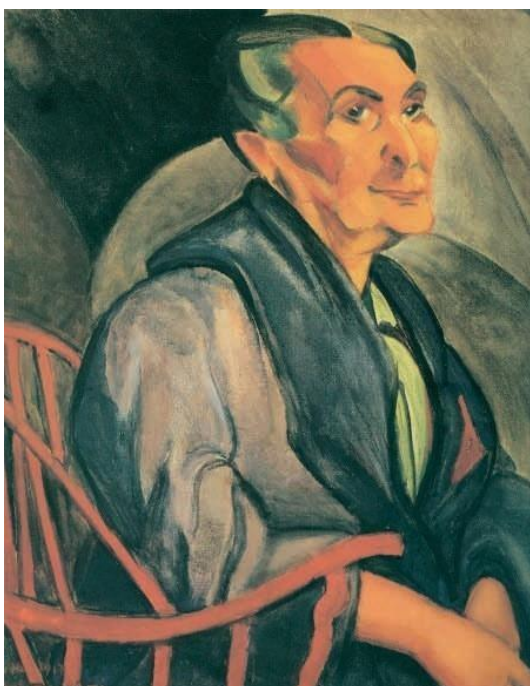


Figura 13. *Mulher de Cabelos Verdes*, Anita Malfatti, 1915.

Fonte: Coleção Particular.
<http://obrasanitamalfatti.wordpress.com/>



Figura 14. *O Homem Amarelo*, Anita Malfatti, 1915-16.

Fonte: Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros (USP).
<http://www.ieb.usp.br/>

A Semana de Arte Moderna

As críticas de Monteiro Lobato à exposição de Anita Malfatti foram muito duras, o que fez com que os intelectuais e artistas da época se unissem em defesa da pintora. Fato que dá a Malfatti uma importância histórica em defesa de uma arte livre e brasileira, sem dever nada às regras acadêmicas. Desta união, começou a surgir a ideia de organizar uma mostra coletiva, de onde nasceu a Semana de Arte Moderna de 1922.

Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, aconteceu a Semana de Arte Moderna, considerada um marco para o Modernismo no Brasil. A exposição coletiva contou com obras de artistas como Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Vítor Brecheret, na literatura, com obras de Oswald de Andrade e Mário de Andrade e, na música, com Heitor Villa-Lobos. É curioso que uma Semana de Arte Moderna tenha acontecido justamente em um espaço físico de estilo eclético que simbolizava justamente tudo aquilo que a arte modernista queria romper.

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo (1897-1976), mais conhecido como Di Cavalcanti, foi um dos idealizadores da Semana de 22 e produziu a capa do catálogo da exposição (Figura 15), além de apresentar obras como *Amigos* (*Boêmios*) (Figura 16). Um ano antes da Semana de 22, o artista expôs uma série de



Figura 15. Capa do Catálogo da Semana de Arte Moderna, Di Cavalcanti, 1922.

Fonte: <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/>

Figura 16. *Amigos (Boêmios)*, Di Cavalcanti, 1921.

Fonte: Pinacoteca do Estado, São Paulo.
<http://www.pinacoteca.org.br/>

desenhos intitulados *Fantoches da Meia Noite*, e a exposição chamou a atenção de Mário da Andrade e Oswald de Andrade, que foram prestigiá-la. A partir de então, juntamente com Menotti Del Picchia, Di Cavalcanti, que também era um jornalista, surgiu a ideia de organizar a Semana de Arte Moderna.



Figura 17. *Pescadores*, Di Cavalcanti, 1951.
Fonte: Museu de Arte Contemporânea, São Paulo. <http://www.macvirtual.usp.br/>

Depois de 1922, e entre 1935 e 1940, Di Cavalcanti viveu na Europa, onde sofreu grande influência dos pintores mais expressivos da época. De volta ao Brasil, soube transformar as influências em uma arte própria e tipicamente brasileira, em que a presença da mulher recebe um destaque como em *Pescadores* (Figura 17) e *Nascimento de Vênus* (Figura 18) (PROENÇA, 2010).

Outro artista importante que participou da Semana de 22 foi Vicente do Rego Monteiro (1899-1970). Nascido em Recife, Monteiro teve uma vida marcada por períodos alternados entre o Brasil e a Europa, e, nestes dois contextos, sempre esteve no círculo das grandes personalidades do cenário artístico, como Braque e Malfatti. Suas obras apreciadas no exterior compõem o acervo de vários museus importantes e se destacam por apresentar linhas retas e a redução do corpo humano em formas geométricas como podemos observar em *Pietá* (Figura 19) (PROENÇA, 2010).



Figura 18. *Nascimento de Vênus*, Di Cavalcanti, 1940.
Fonte: Coleção Particular. http://www.dicavalcanti.art.br/anos40/obras_40/



Figura 19. *Pietà*, Vicente do Rego Monteiro, 1924.

Fonte: Museu de Arte Contemporânea, São Paulo. <http://www.macvirtual.usp.br/>

A Semana de Arte Moderna de 1922 também contou com a escultura marcante de Victor Brecheret (1894-1955), responsável modernizar a arte escultórica brasileira. Brecheret nasceu na Itália, mas veio ainda jovem ao Brasil morar com sua família. Inicia sua formação em São Paulo e complementa seus estudos em Roma e Paris, que marcam suas esculturas. É autor da maquete do *Monumento às Bandeiras* (Figura 20), 1920, e de doze peças expostas na Semana de 22, entre elas *Cabeça de Cristo* (Figura 27). A arte de Brecheret, diferentemente

da de Malfatti, foi bem aceita pela crítica. O artista produzia suas peças em estilo Art Déco, e apresentam poucos detalhes e formas geometrizadas que se afastam totalmente da ideia de imitar a realidade.



Figura 20. *Monumento às Bandeiras*, Vitor Brecheret, 1936-53.

Fonte: Parque do Ibirapuera. http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/turismo_monumentos_bandeiras



Figura 21. *Cabeça de Cristo*, Vitor Brecheret, 1936-53.

Fonte: Coleção Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros (USP).

<http://www.ieb.usp.br/>

Mesmo sem participar da Semana de 22, a artista Tarsila do Amaral (1886-1973) é uma das personalidades mais importantes do Modernismo brasileiro. Tarsila nasceu em Capivari, interior de São Paulo, filha de prósperos fazendeiros, passou a infância entre as fazendas da família; quando adolescente, estudou na Espanha, e mais tarde foi para a França, onde teve contato com ilustres pintores da época e produziu a obra *A Negra* (Figura 22) em estilo cubista.



Figura 22. *A Negra*, Tarsila do Amaral, 1923.

Fonte: Museu de Arte Contemporânea, São Paulo. <http://www.macvirtual.usp.br/>

De volta ao Brasil, foi apresentada aos modernistas e casou-se com Oswald de Andrade, um dos líderes do movimento. Juntamente com Anita Malfatti, Mário de Andrade e Menotti Del Picchia, os artistas formam o chamado “Grupo dos Cinco”. Com o grupo, Tarsila faz uma viagem pelo interior de Minas Gerais e começa a fase intitulada pela própria artista de “pau-brasil”, em que retratava caipiras, caboclos e negos em estilo cubista, como é possível observar em *Estrada de ferro central do Brasil* (Figura 23).



Figura 23. *Estrada de ferro central do Brasil*, Tarsila do Amaral, 1923.

Fonte: Museu de Arte Contemporânea, São Paulo. <http://www.macvirtual.usp.br/>

Em 1928, pinta sua tela mais famosa: *Abaporu* (Figura 20). A palavra *abaporu* quer dizer “homem que come” em tupi-guarani e se refere ao costume antropofágico dos índios em rituais canibais, que comiam inimigos para incorporar qualidades como a coragem e a sabedoria da pessoa devorada.



Figura 24. *Abaporu*, Tarsila do Amaral, 1928.

Fonte: Museu Malba de Arte Latino-Americana, Buenos Aires. <http://www.malba.org.ar/>

Tarsila presenteou Oswald de Andrade com a obra, que serviu como inspiração para o Manifesto Antropófago, que evoluiu para o Movimento Antropofágico. Da mesma forma que os índios devoravam seus inimigos para incorporar suas qualidades, os artistas modernistas queriam deglutir (engolir, devorar) a cultura europeia, que influenciava as artes brasileiras naquela época, e transformá-la em arte brasileira.

A Segunda geração Modernista

Após a Semana de 22 o cenário artístico estava em ebulição: muitos artistas mostraram seus trabalhos que reafirmavam o rompimento com a arte acadêmica e valorizavam a cultura brasileira. Dentre eles, faziam parte Cândido Portinari (1903-1962) e Bruno Giorgi (1905-1993) (PROENÇA, 2010).

Cândido Portinari foi aluno da Escola Nacional de Belas Artes no começo da década de 1920, onde aprendeu características de uma arte mais conservadora. No entanto, em 1928, recebeu como prêmio uma viagem para a Europa e conheceu de perto a obra dos grandes mestres da pintura. Na década de 1930, volta para o Brasil e começa a desenvolver um estilo próprio e a pintar grandes murais, entre eles *Guerra e Paz* (Figura 25), um de seus mais importantes, que se encontra no prédio da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York. Para pintar a Guerra, Portinari apresenta a figura da mãe que segura um filho morto no colo e a presença dos quatro cavaleiros do Apocalipse. Já para a Paz, o pintor partiu das memórias da infância (PROENÇA, 2010).

Portinari retratou também a vida dura dos retirantes nordestinos, evidenciando sua preocupação com o aspecto social da arte, como é possível observar em *Retirantes* (Figura 26), ou sobre o mundo do trabalho como em *Café* (Figura 27), em que o corpo humano exibe força e a relação com a terra.



Figura 25. *Guerra e Paz*, Cândido Portinari, 1928.

Fonte: <http://www.portinari.org.br/>



Figura 26. *Retirantes*, Cândido Portinari, 1944.

Fonte: Museu de Artes de São Paulo – MASP
<http://masp.art.br/>



Figura 27. *Café*, Cândido Portinari, 1935.

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
<http://www.mnba.gov.br/>

Bruno Giorgi nasceu no interior de São Paulo, mas morou durante muitos anos na Itália. Na década de 1930, voltou para o Brasil e conheceu o Movimento Modernista brasileiro por intermédio de seu amigo Mário de Andrade. Sua escultura apresenta uma linha curva e tenta valorizar o ritmo, o movimento e os vazios. Na década de 1950, começa a usar o bronze em suas obras, criando figuras delgadas nas quais o vazio é parte da composição, como é possível observar em *Candangos* (Figura 28), que o escultor produziu para a praça dos Três Poderes em Brasília, em homenagem aos trabalhadores que construíram a capital do Brasil.

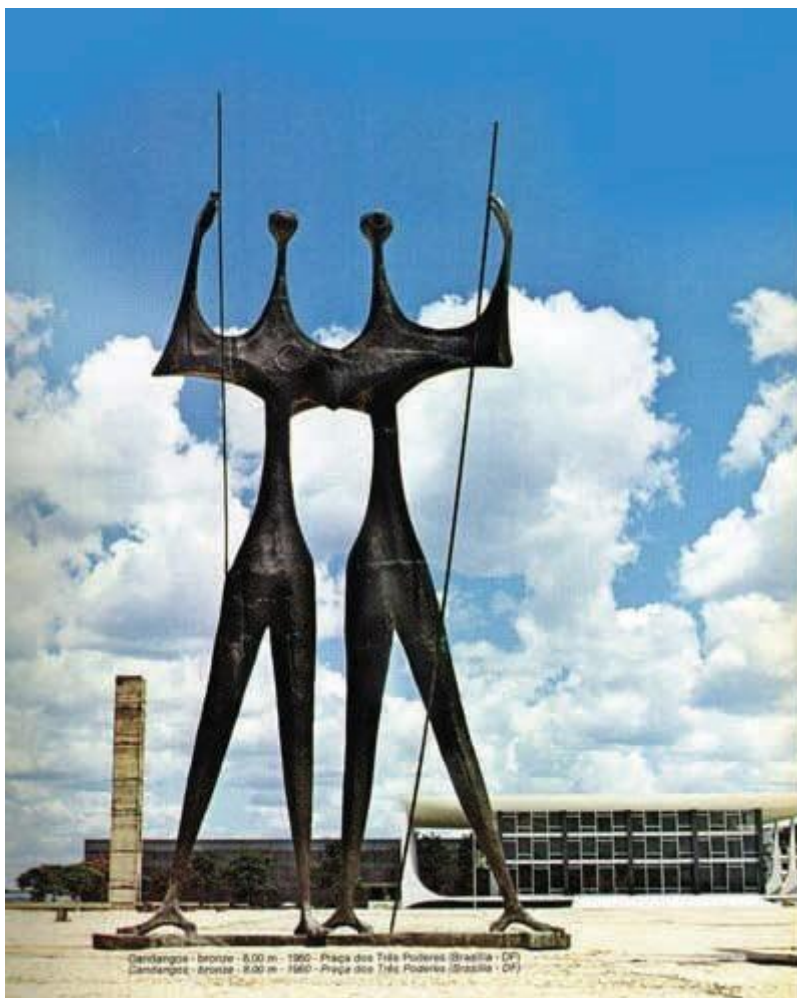


Figura 28. *Candangos*, Bruno Giorgi, 1950.

Fonte: Praça dos Três Poderes, Brasília. <http://photos1.blogger.com/blogger/621/2203/1600/0Bruno%20Giorgi-Candangos.jpg>

Grupos de Arte

O ano de 1929 ficou marcado, no cenário mundial, pela quebra da bolsa de valores de Nova York, fato que influenciou a economia mundial. No Brasil, o café e a borracha tiveram queda dos preços gerando muito desemprego. No cenário artístico, antes formado por pessoas de classes abastadas, agora era formada pela classe operária, e muitos imigrantes e seus descendentes.

Nessa época, surgiram grupos de pessoas que exerciam seus ofícios durante a semana e, nos fins de semana, se reuniam para discutir sobre arte, como o Núcleo Bernardelli no Rio de Janeiro, a Sociedade Pró-Arte Moderna e o Clube dos Artistas Modernos, ambos de São Paulo. Entretanto, um dos grupos mais importantes foi o Grupo Santa Helena, que recebeu este nome porque Francisco Reboló Gonzales (1902-1980), um pintor de paredes, alugou uma sala no Palacete Santa Helena. Logo em seguida, Mário Zanini (1907-1971) artesão, alugou outra e, depois, outros artistas se juntaram ao grupo, como Fúlvio Pennachi (1905-1992), açougueiro, Aldo Bonadei (1906-1974), Alfredo Volpi (1896-1988), pintor de paredes, Clóvis Graciano (1907-1988), funcionário da estrada de ferro, e Manuel Martins (1911- 1979). Diferentes em suas profissões, o que unia o grupo era a paixão pela pintura e a origem humilde de cada um.

Francisco Reboló Gonzales, além de ser um pintor de paredes, também foi jogador de futebol ao longo de vinte anos. Interessou-se por pintura como expressão artística quando se instalou no Santa Helena na década de 1930. Pintava retratos, naturezas-mortas, mas, principalmente, paisagens. Suas obras são um importante registro visual da cidade de São Paulo do começo do século XX, como é possível observar em *Rua do Carmo* (Figura 29) (PROENÇA, 2010).

Mário Zanini foi o segundo integrante do grupo a integrar o Santa Helena. Diferentemente de Reboló, Zanini tinha formação no Liceu de Artes e Ofícios e

na Escola Profissional Masculina, além de experiência em pintura decorativa.



Figura 29. *Rua do Carmo*, Francisco Reboló, 1936.

Fonte: Coleção Particular. <http://www.fapesp.br>

Recebeu influências do Impressionismo e do Expressionismo, e seu traço marcante e cores fortes o distinguem do restante do grupo. Aplicado ao desenho, criou composições originais, como observado em *Composição com Figuras* (Figura 30) (BEUTTENMÜLLER, 2002).



Figura 30. *Composição com Figuras*, Mario Zanini, 1958.

Fonte: Coleção Particular. <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/mario-zanini/mario-zanini/>

Alfredo Volpi nasceu na Itália, mas veio para o Brasil antes de completar dois anos de idade. Quando jovem, teve várias profissões, como carpinteiro, encanador e pintor de paredes, que o ajudou a se tornar um dos maiores pintores da arte brasileira. Muito habilidoso, ele mesmo confeccionava suas telas e, mais tarde, começou a produzir suas próprias tintas. Sua busca esteve em direção ao domínio da cor e a composição rigorosamente esquematizada. Suas obras mais significativas são sobre as fachadas dos casarões, mastros, bandeiras e fitas, como é possível observar em *Fachada com Bandeirinhas* (Figura 31) e *Bandeiras e Mastro* (Figura 32).



Figura 31. *Fachada com Bandeirinhas*, Alfredo Volpi, 1950.

Fonte: Coleção Particular. <http://www.itaucultural.org.br/>



Figura 32. *Composição com Bandeirinha*, Alfredo Volpi, 1950.

Fonte: Pinacoteca do Estado, São Paulo. <http://www.pinacoteca.org.br/>

Clóvis Graciano estudou pintura com Waldemar da Costa e, diferente de outros integrantes do Santa Helena, não se interessava tanto pela paisagem, mas sim, pela figura humana e pelo movimento. Produziu pinturas em telas e fez ilustrações para livros, mas são seus murais que mais se destacam. No Mural do Interior do Hotel Jaraguá (Figura 33), é possível observar uma das principais características de sua obra: a preocupação com o aspecto social (PROENÇA, 2010).



Figura 33. *Mural do Interior do Hotel Jaraguá (Detalhe)*, Clóvis Graciano, s/d.

Fonte: <http://www.unicamp.br/chaa/viasaopaulo.php>

O Modernismo fora de São Paulo

O Modernismo no Brasil teve origem em São Paulo com a Semana de Arte Moderna, mas esse movimento teve dificuldade para se expandir para o restante do país. Mesmo assim, existem artistas importantes fora de São Paulo que merecem destaque, são eles: Ismael Nery (1900-1934), Cícero Dias (1908-2003), Aldemir Martins (1922-2006) e Carlos Scliar (1920-2000).

Ismael Nery nasceu em Belém no Pará e, além de pintor, foi filósofo e poeta. É responsável por introduzir o Surrealismo na pintura brasileira e suas obras causam estranheza por retratarem o absurdo o mundo dos sonhos. Diferentemente dos outros artistas modernistas, Nery não acreditava na “brasilidade”; ele pensava que todos os seres humanos são iguais, independente do lugar em que nasceram. O artista também pintou obras

geometrizadas em estilo cubista, como observamos em *Autorretrato* (Figura 34) (BEUTTENMÜLLER, 2002).



Figura 34. *Autorretrato*, Ismael Nery, 1930.

Fonte: Museu de arte Moderna do Rio de Janeiro. <http://mamrio.org.br/>

Cícero Dias nasceu em Pernambuco e estudou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, no entanto, os princípios acadêmicos não o satisfizeram. Ele pintava o cenário nordestino com muito azul e vermelho, e certo descuido da técnica, pois preferia uma pintura mais ingênua, primitiva, como é possível observar em um de seus trabalhos mais importantes: um painel gigantesco com treze metros de comprimento por dois de altura pintado na década de 1920, cujo título é *Eu vi o mundo... ele começava no Recife* (Figura 35).



Figura 35. *Eu vi o mundo... ele começava no Recife*, Cícero Dias, 1926.

Fonte: Coleção Particular. <http://www.faap.br/>

Aldemir Martins nasceu no Ceará e, quando adolescente, mudou-se de Ingazeiras, sua cidade natal, para Fortaleza, onde ajudou a fundar a Sociedade Cearense de Artes Plásticas em 1940. Em 1945, vai para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, para São Paulo, onde começa a pintar tipos regionais, como cangaceiros – como é possível observar em obra de mesmo nome (Figura 36) –, tipos populares, frutas e animais. É um dos artistas mais importantes e conhecidos do cenário artístico brasileiro.



Figura 36. *Cangaceiros*, Aldemir Martins, 1951.

Fonte: Museu de Arte Contemporânea, São Paulo. <http://www.macvirtual.usp.br/>

Carlos Scliar nasceu em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Com apenas 11 anos já publicava textos e gravuras nos jornais da época e, com 14, foi aluno do pintor austríaco Gustav Epstein. Em 1935, realizou sua primeira mostra coletiva – Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha. Foi para São Paulo em 1940 e participou do grupo Família Artística Paulista, época em que realizou sua primeira exposição individual, ganhando uma medalha de prata no Salão Nacional de Belas-Artes. Foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira – FEB para lutar na Segunda Guerra Mundial. Embarcou para a Itália em 1944, onde serviu como cabo de artilharia. Com o fim da guerra, Scliar volta para o Brasil e expõe a série “Com a FEB na Itália”. De 1947 a 1950, Scliar morou na Europa, onde manteve uma vida ativa tanto na arte quanto na política. Em 1950, vai para Porto Alegre, onde se torna presidente do Clube de Gravura e realiza um de seus mais importantes trabalhos, *Gravuras Gaúchas* (Figuras 37 e 38), da série “Estância”, que lhe renderam o prêmio Pablo Picasso da Paz em 1952 (BEUTTENMÜLLER, 2002).



Figura 37. Gravura, Carlos Scliar, 1955.

Fonte: Instituto Cultural Carlos Scliar, Cabo Frio. <http://carlosscliar.com/>



Figura 38. Série Sesta, Carlos Scliar, 1954.

Fonte: Instituto Cultural Carlos Scliar, Cabo Frio. <http://carlosscliar.com/>

A Pintura Primitiva

A pintura primitiva é aquela que seleciona elementos da tradição popular e os representa com utopia e beleza. Representa motivos rurais, paisagens do campo, além de temas folclóricos. Em geral, são artistas autodidatas e criadores de seus próprios recursos e técnicas.

Os artistas primitivos passaram a ser apreciados a



Figura 41. *Fazenda de chá do Itacolomi*, Djanira da Motta e Silva, 1958.

Fonte: <http://mamrio.org.br/>

partir do Movimento Modernista, que valorizava tudo o que fosse genuinamente nacional. Entre os artistas primitivos mais importantes estão Heitor dos Prazeres (1889-1966), que revela um mundo fraterno com ênfase na figura humana, como observamos em *Dança* (Figura 39); Djanira (1914-1979), que mostra a realidade rural de diversas regiões do Brasil, com *Fazenda de chá no Itacolomi* (Figura 40), e Mestre Vitalino (1909-1963), que representa no barro pessoas e fatos da região de Pernambuco como em *Retirantes* (Figura 41) (PROENÇA, 2010).



Figura 40. *Dança*, Heitor dos Prazeres, 1965.

Fonte: <http://mam.org.br/>



Figura 42. *Retirantes*, Mestre Vitalino, s/d.

Fonte: [http://](http://www.museucasadoportal.com.br/)

www.museucasadoportal.com.br/

Referências

BEUTTENMÜLLER, Alberto Frederico. *Viagem pela Arte Brasileira*. São Paulo: Aquariana, 2002.
CARNEIRO, Oscar Décio. *Roteiro da Praça Municipal*. Material Didático. Prefeitura Municipal do Rio Grande. s/d.
PROENÇA, Graça. *Descobrimos a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.
. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2010.

Sites

<http://www.camaradecomercio.com.br/>. Acessado em 09/03/2014
<http://www.caferiogrande.blogspot.com.br/>. Acessado em 27/10/2013.
<http://www.museusegall.org.br/>
<http://www.faap.br/>
<http://www.museucasadoportal.com.br/>
<http://mamrio.org.br/>
<http://mam.org.br/>
<http://www.unicamp.br/>
<http://www.pinacoteca.org.br/>
<http://www.itaucultural.org.br/>
<http://www.malba.org.ar/>
<http://www.macvirtual.usp.br/>
<http://www.ieb.usp.br/>
http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/turismo_monumentos_bandeiras
http://www.dicavalcanti.art.br/anos40/obras_40/nascimento_de_venus.htm
<http://editora.cosacnaify.com.br/blog/>
<http://www.mnba.gov.br/>
<http://www.mp.usp.br/>
<http://www.eliseuvisconti.com.br/>
<http://obrasanitamalfatti.wordpress.com/>